

**HEIDEGGER, Martin.: – *Geschichte der Philosophie von Thomas von Aquin bis Kant*. Gesamtausgabe, Bd 23: II Abteilung: Vorlesung 1919-1944. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2006, 247p.**

O volume 23 da edição das obras completas de Martinho Heidegger, acaba de publicar as lições que o filósofo deu no semestre de Inverno de 1926/27, na Universidade de Marburgo, intituladas: "História da Filosofia de Tomás de Aquino até Kant". Na verdade, estas lições aconteceram precisamente na última fase de elaboração de *Ser e Tempo*.

O presente volume é composto de uma introdução que expõe, nos seus nove parágrafos, os conceitos fundamentais da especulação metafísica da filosofia antiga e que se consolidaram na metafísica medieval. Heidegger declara abertamente a intenção que anima estas lições. "os problemas da filosofia moderna para compreender o fundamento, isto é, a filosofia antiga, na forma da tradição sistemática escolástica" (p. 7). Nesta longa introdução, Heidegger quer anunciar quais os aspectos fundamentais que determinam a natureza da ciência metafísica. Para isso, enuncia a distinção entre o conceito vulgar e científico de Metafísica (§2), a importância da descoberta da Natureza, como consequência da formação da física matemática e a sua implicação para a reflexão ontológica (§ 3). Deste modo, Heidegger determina, por conseguinte, quais os temas fundamentais que concernem a investigação metafísica: Ser, Natureza, Homem e Verdade (§ 4). Por último, salienta o conceito e método da filosofia enquanto ciência crítica do ser e a relação que as ciências positivas têm com a filosofia enquanto ontologia fenomenológica (§§ 5-8).

Seguem-se os cinco capítulos, distribuídos da seguinte forma: o primeiro capítulo, dedicado a Tomás de Aquino; o segundo, dedicado a Descartes, o terceiro, a Espinoza, o quarto a Leibniz, e por último, o quinto, dedicado a Wolff e à sua escola.

Na verdade, os conceitos fundamentais e mais gerais encontram-se nas principais noções enunciadas, tais como: ser, essência, possibilidade, realidade, verdade e "filosofia primeira" (§ 1, p. 2). De igual modo, é a partir da Filosofia da Idade Média que podemos reconhecer que, apesar de existir contrastes entre Tomás de Aquino e Kant, constatamos, contudo, a existência de uma continuidade nos problemas metafísicos fundamentais. Interroga-se Heidegger: "Porquê Tomás? Porque na sua metafísica geral se consolida, não através de uma investigação positiva autêntica mas através de uma compreensão verdadeiramente continuada da filosofia antiga - quer dizer, na sua forma mais acabada em Aristóteles" (p. 2).

Na verdade, encontramos em Tomás de Aquino a recepção de Aristóteles, que se evidencia, claramente, nos seus importantes *Comentários* às obras do Estagirita. Associada à especulação metafísica aristotélica surgem os conceitos fundamentais de *πρῶτη φιλοσοφία* que determina o ente na sua orientação natural, isto é, *κοσμοῦ*, e *φύσιν*. O ente (*Das Seiende*) é, por isso mesmo, o que é. Todavia, o grau mais elevado do ente autêntico, está intimamente ligado à especulação da *πρῶτη φιλοσοφία* enquanto *θεολογία*. É com o advento do Cristianismo que se dá um novo preenchimento no conteúdo da especulação filosófica. Conceitos como, *theós*, *physis* e *kosmós*. fundam-se e articulam-se, por sua vez numa especulação filosófico-teológica.

Ainda na introdução, Heidegger, não deixa de enunciar, nesta breve história da metafísica a escola cominbricense. Com efeito, é com a restauração da Escolástica do século XVI, em Espanha, em particular, na escola de Salamanca e, em Portugal, em Coimbra, com Pedro da Fonseca, que se renova a tradição filosófica antiga e escolástica. Segundo Heidegger, Pedro da Fonseca é o Aristóteles português (*der portugiesische Aristoteles*, p. 4). Por sua vez, Francisco Suarez, nas suas *Disputationes*, vem precisamente dar continuidade ao trabalho exegético da Escolástica, com os seus comentários à *Summa* de Tomás de Aquino, mas agora, expondo-se à influência do Humanismo. É precisamente com Suarez que se consolida a estrutura metafísica, tal como Tomás de Aquino a teria considerado. Os autores modernos abordados surgem

como um desenvolvimento da metafísica clássica, isto é, aristotélica e escolástica, ainda que sob o efeito de novos questionamentos.

No capítulo dedicado a Tomás de Aquino, Heidegger expõe, de forma magistral, alguns dos aspectos fundamentais da metafísica tomista: a análise da verdade, baseando-se nas *Quaestiones disputatae de veritate*, e destacando o sentido da verdade enquanto *adaequatio* (§ 16). Expõe, nalgumas das alíneas, a questão da relação entre a 'Filosofia Primeira' e a Teologia, assim como a questão da verdade relativamente à falsidade. Já na temática da eternidade e do tempo (§16), Heidegger, baseia-se, essencialmente, nos textos da *Summa*. Devemos realçar, no entanto, numa das alíneas, a questão da "perda de Deus na Filosofia" (*Die Gottlosigkeit der Philosophie*). Este aspecto parece-nos o mais controverso da análise heideggeriana. Poderá dar lugar a uma discussão com Heidegger, pondo em confronto outros textos do filósofo, no sentido de entendermos o real significado de Deus na Filosofia e na Teologia.

Efectua, por último, uma abordagem da analogia (§ 19) e das provas da existência de Deus (§20), terminando com a questão do Bem enquanto bem supremo (§ 21).

Relativamente a Descartes, Heidegger elucida claramente a génese do pensamento do autor, realçando a nova orientação filosófica do filósofo francês. Segundo Heidegger, Descartes, deixando para trás a Filosofia e a Teologia jesuítica, volta-se para a autoridade de Agostinho, para o eminente João Damasceno, Gregório de Nazianço e Bernardo de Claraval. Sofre igualmente uma influência da teologia dos Oratorianos, de Malebranche e de Pascal (pp. 109-110).

Na verdade, Descartes, aquando da sua formação no colégio jesuíta de La Flèche, toma contacto com a tradição filosófica antiga e medieval. A sua obra mais importante, *Meditationes de prima philosophia* parece assim transporecer uma bela combinação entre elementos oriundos da metafísica tradicional e elementos que sendo novos, se articulam harmoniosamente. Heidegger apresenta aqui uma leitura sistemática de cada uma das *Meditações*.

Já com Espinoza, surge o esforço de afinar o método de demonstração rigorosa de compreensão da substância de Deus e da natureza do ente. O aspecto mais peculiar da metafísica espinozista, contrariamente a Descartes, é o facto de se fundamentar na Tradição teológica judaica, na sua filosofia da religião e na Escolástica (p. 5). Os conceitos ontológicos fundamentais da *Ethica Ordine Geometrico demonstrata*, em particular na *pars prima*, tem como principal objectivo, explicitar as diversas definições, não só em relação à natureza de Deus mas também em relação à substância finita. Para além disso, de desenvolver, a partir da *pars tertia* da *Ethica* a natureza dos afectos (p. 159). Heidegger termina a abordagem sobre a ontologia espinozista, com o tema do amor intelectual de Deus (*amor intellectualis Dei*, pp.165-66).

Quanto a Leibniz, a compreensão que nós podemos ter da sua metafísica e, no desenvolvimento da metafísica cartesiana e espinozista, é que esta é de bem mais difícil compreensão, em virtude do seu próprio pensamento. Na verdade, Leibniz considera que "a determinação essencial da substância na sua unidade" são as *monas*. Ao contrário, para Espinoza há uma só substância enquanto que para Leibniz existem: "múltiplas substâncias infinitas" (p. 167). Todavia, ressalta da sua especulação, a questão dos 'possíveis', que só podem ser aplicados à existência do ente e não a Deus, enquanto acto puro (p. 186).

Por fim, Wolff e a sua escola que, enquadra a metafísica no âmbito de um saber enciclopédico que pretende explicar o saber e o agir. O intuito de Heidegger é de analisar a metafísica no período pré-crítico de Kant. Daí que, através de Wolff e de um dos representantes da sua escola, Christian August Crusius, Heidegger determine o estado da metafísica, enquanto condição necessária da metafísica kantiana como crítica transcendental.

A obra termina com uma série de suplementos, que vêm dar mais esclarecimentos sobre alguns dos parágrafos. Estamos, portanto, perante uma obra com bastante interesse, ainda que, nem sempre Heidegger, tenha podido desenvolver detalhadamente todos os aspectos de cada um dos autores.